

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA DO COMPORTAMENTO DESVIANTE E DA JUSTIÇA

Psicopatia, Reconhecimento Emocional e Julgamento Moral em Mulheres Reclusas

Maria Teresa Gonçalves Pinto

M

2019



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Psicopatia, Reconhecimento Emocional e Julgamento Moral em Mulheres Reclusas

Maria Teresa Gonçalves Pinto

Outubro, 2019

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor ***Fernando
Barbosa*** (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Fernando Barbosa, orientador de dissertação, por acompanhar todos os passos deste projeto com a máxima dedicação e persistência, pela orientação exemplar e por todos os conhecimentos que me permitiu adquirir ao longo desta jornada.

À Dra. Carlota Castro, Adjunta no Estabelecimento Prisional, por me ter recebido da melhor forma no estabelecimento prisional e por todo o apoio e interesse manifestado ao longo do processo de recolha de dados, assim como por toda a confiança depositada, por todos os elogios e pelo reconhecimento do meu trabalho.

À Sra. Diretora do Estabelecimento Prisional, Dra. Paula Leão, por toda a disponibilidade manifestada em todos os momentos que passei no estabelecimento prisional e pela simpatia com que me recebeu logo desde o primeiro dia.

Ao Guarda Nestor, e a todos/as os/as Chefes e Guardas Prisionais, pela simpatia e por estarem sempre dispostos a ajudar e colaborar com a logística da instituição, a fim de tornar este projeto possível.

Às reclusas, pela disponibilidade, simpatia e respeito, pela divulgação do estudo e por todo o interesse que demonstraram em participar.

Por último mas não menos importante, aos meus pais, exemplos de persistência e dedicação, que me proporcionaram a formação académica que sempre quis e me apoiaram incondicionalmente ao longo destes 5 anos, à minha família, que se manteve presente e celebrou comigo, passo a passo, todas as conquistas, ao meu namorado, que sempre acreditou em mim e caminhou ao meu lado, nos momentos de sucesso e em todos os dias menos bons, e aos meus amigos, que enfrentaram esta luta comigo, e festejaram comigo as pequenas vitórias do dia-a-dia.

A todos, o meu sincero obrigada: sem a vossa amizade, dedicação e presença, o cessar desta etapa não traria a mesma felicidade, nostalgia, e ao mesmo tempo o sentimento de dever cumprido. Este trabalho traduz o culminar de um capítulo que tem vindo a ser construído desde há 5 anos e que, mais do que estudante e profissional, me tem vindo a formar e validar enquanto pessoa. Encerra-se um capítulo que espero que sirva apenas de mote para o futuro que se avizinha, com todos os desafios inerentes, porque acredito que a aprendizagem não acaba enquanto não acabar a vida.

Resumo

Apesar do crescente interesse científico no estudo da Psicopatia no feminino, e não obstante os níveis de Psicopatia inferiores nas mulheres, ainda são poucos os estudos que investigam a Psicopatia em amostras femininas e as alterações afetivas que lhes podem estar associadas. No sentido de contribuir para este campo de investigação, avaliou-se a influência da Psicopatia no desempenho de mulheres reclusas em tarefas de reconhecimento emocional e julgamento moral, através de uma metodologia quantitativa e com recurso a tarefas comportamentais. O julgamento moral utilitário foi predito pela Psicopatia, designadamente pela Psicopatia Primária e Secundária, enquanto a Psicopatia Primária foi preditora de um pior desempenho na tarefa de reconhecimento emocional. Não se encontrou qualquer influência significativa das capacidades intelectuais gerais em nenhuma das tarefas. Contrariamente ao esperado, o reconhecimento emocional não se revelou um mediador significativo da relação entre a Psicopatia e o julgamento moral utilitário. Estes resultados reforçam as evidências de que uma tendência para o julgamento moral utilitário e o pior reconhecimento de expressões emocionais estão associados a pontuações mais elevadas de Psicopatia (em especial de Psicopatia Primária), mas são necessários mais estudos para averiguar o papel da componente emocional no processo de julgamento moral.

Palavras-Chave: Psicopatia; Mulheres; Feminino; Reclusão; Reconhecimento Emocional; Identificação de expressões faciais; Julgamento Moral; Utilitarismo.

Abstract

Despite the levels of Psychopathy in women are lower than in men, the scientific interest in studying Psychopathy in females is increasing. Nevertheless, the amount of studies that investigate Psychopathy in female samples and the affective changes that may be associated thereto remains low. Aiming to contribute to this field of research, the influence of Psychopathy in women inmates, performing tasks of emotional recognition and moral judgment was evaluated, through a quantitative methodology and using behavioral tasks. Utilitarian moral judgment was predicted by Psychopathy, specifically by Primary and Secondary Psychopathy, while Primary Psychopathy predicted a worse performance at the emotional recognition task. There was no significant influence of general intellectual abilities for either task. Unlike expected, emotional recognition did not prove to be a significant mediator of the relationship between Psychopathy and utilitarian moral judgment. These results emphasize the evidence that the tendency to utilitarian moral judgment and worse recognition of facial expressions of emotion are associated to higher psychopathy scores (especially Primary Psychopathy), but more studies are necessary to address the role of the emotional component in the process of moral judgment.

Keywords: Psychopathy; Women; Female; Imprisonment; Emotional Recognition; Facial expressions identification; Moral Judgment; Utilitarianism.

Resumé

Malgré l'intérêt scientifique croissant porté à l'étude de la Psychopathie féminine et nonobstant des niveaux inférieurs de Psychopathie féminine, il existe encore peu d'études sur la Psychopathie dans des archétypes féminins et les changements affectifs qui lui peuvent être associés. Afin de contribuer à ce domaine d'investigation, nous avons évalué l'influence de la Psychopathie sur la performance des femmes détenues dans des tâches de reconnaissance émotionnelle et de jugement moral, à l'aide d'une méthodologie quantitative et de tâches comportementales. La Psychopathie prédit un jugement moral d'utilité, à savoir une Psychopathie Primaire et Secondaire, tandis qu'une Psychopathie Primaire prédit une performance plus médiocre dans la tâche de reconnaissance émotionnelle. Aucune influence significative des capacités intellectuelles générales n'a été trouvée sur aucune des tâches. Contrairement aux attentes, la reconnaissance émotionnelle n'était pas un médiateur important de la relation entre la Psychopathie et le jugement moral utilitaire. Ces résultats renforcent la preuve qu'une tendance au jugement moral utilitaire et à une moins bonne reconnaissance des expressions émotionnelles est associée à des scores de Psychopathie plus élevés (en particulier une Psychopathie Primaire), mais des études supplémentaires sont nécessaires pour déterminer le rôle de la composante émotionnelle dans processus de jugement moral.

Mots-clés: Psychopathie; Les femmes; Féminin; L'isolement; Reconnaissance émotionnelle; Identification des expressions faciales; Jugement moral; Utilitarisme.

Índice

Introdução	1
Método	13
1. Participantes	13
2. Materiais e Instrumentos de Avaliação	14
2.1. Teste das Matrizes Progressivas de Raven	14
2.2. Tarefa de Reconhecimento Emocional	14
2.3. Tarefa de Julgamento Moral	15
2.4. Escala de Auto-Relato de Psicopatia de Levenson	16
3. Procedimentos	16
Resultados	18
1. Estatísticas Descritivas	18
2. Teste das hipóteses	18
3. Análises Complementares	21
Discussão e conclusões	23
Referências Bibliográficas	29
Anexos	36

Introdução

A Psicopatia tem vindo a ser estudada ao longo de décadas, e a investigação apurou que se trata de um construto que resulta de um conjunto de traços de personalidade disruptivos e associados a comportamentos antissociais, não sendo a sua definição totalmente consensual entre os investigadores.

O termo “Psicopatia” só começou a ser mais frequentemente utilizado a partir do trabalho de Cleckley, que descreve na sua obra *The Mask of Sanity* (1988) o perfil clínico dos psicopatas através da identificação de 16 caraterísticas que lhe estão associadas: o charme superficial e alto QI; a ausência de delírios ou outros pensamentos irracionais; a ausência de nervosismo ou manifestações neuróticas; falta de remorso ou vergonha; a não-confiabilidade; a tendência para mentir e falsear; o comportamento antissocial inadequadamente motivado; um julgamento empobrecido e falha em aprender com a experiência; um egocentrismo patológico e incapacidade de amar; pobreza nas reações afetivas; um comportamento irrealista e adverso sob influência do álcool e, por vezes, sem essa influência; ameaças de suicídio raramente levadas a cabo; vida sexual impessoal, trivial e pobremente integrada; e falha em seguir um plano de vida. Além destas, destacam-se outras caraterísticas biológicas, cognitivas, afetivas e comportamentais, não dependentes entre si, ou seja, não é necessário que todas estejam simultaneamente presentes. Tendo em conta o exposto, a Psicopatia pode ser definida como uma estrutura de personalidade, marcada por um desvio de carácter nas suas manifestações mais intensas, que inclui caraterísticas afetivas (falta de culpa, pouca empatia e relações afetivas vagas) e interpessoais (narcisismo e charme superficial), assim como comportamentos impulsivos e antissociais (desonestidade, imprudência). De acordo com os dados da *Society for the Scientific Study of Psychopathy*, as taxas de indivíduos de alta Psicopatia são relativamente elevadas em estabelecimentos prisionais, o que não implica que não possam encontrar-se em ambientes comunitários.

A avaliação da Psicopatia desencadeia uma intensa discussão sobre a natureza do fenómeno: se, por um lado, é categorial ou é, em vez disso, dimensional. No primeiro caso, as diferenças entre indivíduos psicopatas e outros indivíduos são qualitativas, enquanto no segundo caso serão quantitativas. Este tema surgiu bastante precocemente na literatura, sendo que Hare (1970) discute até que ponto se deve postular um tipo (“o psicopata”) ou uma dimensão (“a Psicopatia”), concluindo que ambas as perspetivas são apropriadas e

representam dois lados da mesma moeda, sendo possível investigar o fenómeno sem que haja um vínculo exclusivo a uma perspetiva em particular. De uma perspetiva categorial ou tipológica, a Psicopatia seria uma classe não-arbitrária (como é o género, por exemplo), enquanto que de uma perspetiva dimensional, é definida através de um *continuum* no qual todos os indivíduos são posicionados, sendo esta segunda perspetiva mais condizente com a da presente investigação: o uso do termo ‘Psicopata’ é sempre questionável e deve ser utilizado com cautela, especialmente quando se refere a indivíduos institucionalizados, que podem ser negativamente influenciados por este rótulo, já que o mesmo estabelece uma separação entre esses indivíduos e os restantes, categorizando-os, o que não vai de acordo com a perspetiva dimensional (e.g., Guay, Ruscio, Knight, & Hare, 2007). Neste sentido, tendo em conta o contexto, parece ser mais apropriado referir que certas características da personalidade psicopática se encontram mais ou menos vincadas em determinados indivíduos, e não classificá-los como psicopatas *per se*, até porque, tal como realça Feldman (1977), aquilo que a literatura tem vindo a demonstrar é que existem muito poucos indivíduos que sejam consistentemente psicopatas ou não-psicopatas em todas as situações, e em relação a todas as pessoas.

Esta conceção dimensional da Psicopatia, defendida por diversos autores (e.g., Edens, Marcus, Lilienfeld, & Poythress, 2006; Guay et al., 2007; Hare & Neumann, 2008), considera que não há indivíduos psicopatas no sentido taxonómico do termo e, por isso, todos têm um conjunto de traços psicopáticos com maior ou menor prevalência, estando essas características distribuídas num *continuum*, aplicável à totalidade da população. Ou seja, todos os indivíduos estão distribuídos pela mesma dimensão quantitativa, embora se possa, caso necessário, dividi-los como aqueles que apresentam características de Psicopatia mais e menos consistentes (Feldman, 1977). Apesar de trazer muitas vantagens, este carácter dimensional também confere à caracterização da Psicopatia alguma ambiguidade, na medida em que a classificação está dependente da intensidade e manifestação das características comportamentais e de personalidade evidenciadas pelos indivíduos, e da compreensão adequada das mesmas por parte dos investigadores.

Um dos modelos mais utilizados na caracterização da Psicopatia é o modelo dos dois fatores desenvolvido por Hare (1991), que divide o construto em Psicopatia Primária (Fator 1) e Secundária (Fator 2). A Psicopatia Primária, caracterizada por traços afetivos e interpessoais, é própria de indivíduos agressivos, hostis e extrovertidos, confiantes em si mesmos e com baixos níveis de ansiedade. Nem todos seguem uma carreira criminal e, aqueles que o fazem, evidenciam maior premeditação nos seus crimes, cometendo

especialmente crimes instrumentais quando comparados com os criminosos de maior Psicopatia Secundária. Por sua vez, a Psicopatia Secundária, caracterizando-se por facetas de impulsividade e estilo de vida antissocial, é distintiva de indivíduos irresponsáveis, impulsivos e temperamentais, agressivos, socialmente ansiosos, isolados e evitantes, que revelam baixos níveis de auto-estima. O seu comportamento antissocial é maioritariamente reativo, não planeado e sem ponderação das consequências dos seus atos e, por isso, revelam uma tendência para cometer “crimes menores” (Moreira, Almeida, Pinto, & Fávero, 2014).

A Psicopatia, apesar de mais frequente nos homens, também existe no universo feminino, em diversos níveis, com características diferentes e, geralmente, menos específicas (Moreira et al., 2014). Apesar da prevalência de amostras maioritária ou exclusivamente masculinas nos diversos estudos ao longo do tempo, Cleckley (1988) inclui personalidades femininas nas suas monografias, assumindo que a Psicopatia se manifesta em ambos os sexos, e conclui que, apesar de manifestações comportamentais semelhantes, as mesmas tendem a ser interpretadas nas mulheres como violações dos papéis de género expectáveis da figura feminina. Desde então, poucos foram os estudos que se focaram nas formas de comportamento antissocial praticadas por mulheres, e aqueles que o fizeram centraram-se na criminalidade em geral e na violência, e não propriamente na Psicopatia, com algumas exceções. Num estudo de Widom (1978), o autor tentou explorar até que ponto um grupo de mulheres reclusas encaixava no perfil de Psicopatia descrito por Cleckley (1988). Concluiu que os subgrupos associados à Psicopatia masculina estão presentes em amostras femininas, apesar da sua menor prevalência (especialmente de Psicopatia Primária), pelo que defende a pertinência do uso do termo na descrição destas mulheres (Widom, 1978). Revisões na área (e.g., Cale & Lilienfeld, 2002) realçam que, apesar de os níveis de Psicopatia serem inferiores em amostras femininas, a confiabilidade e estrutura fatorial das medidas de Psicopatia são generalizáveis a ambos os sexos, validando a aplicabilidade do construto a estas amostras (Warren et al., 2003). Além disso, reforçam a hipótese formulada previamente por alguns autores (e.g., Hamburger, Lilienfeld, & Hogben, 1996), de que homens e mulheres possuem as mesmas características interpessoais e afetivas da Psicopatia, mas diferem nas manifestações comportamentais do comportamento antissocial.

As principais conclusões avançadas por Patrick na sua obra *Handbook of Psychopathy* (2006), a propósito das diferenças de género no âmbito da Psicopatia, destacam os níveis indiscutivelmente inferiores de Psicopatia nas mulheres (quer avaliadas

com recurso a entrevista, quer em medidas de auto-relato) e as diferenças de género nas manifestações comportamentais de antissocialidade. Concretamente, os traços interpessoais e afetivos associados ao Fator 1 da Psicopatia tanto se apresentam nas mulheres como nos homens, enquanto que a componente comportamental (Fator 2) parece diferir consoante o género: algumas características comportamentais revelam-se menos salientes nas mulheres, enquanto outras, como a reatividade emocional e a ansiedade, parecem ser mais prevalentes nestas, o que vai de encontro aos resultados de outros estudos (e.g., Warren, 2003), e nos leva a concluir que estamos perante um cenário de idêntico grau de disfunção, mas assente em distintas manifestações de comportamento antissocial.

A relação entre o julgamento moral e a Psicopatia é amplamente reportada (e.g., Bartels & Pizarro, 2011; Glenn, Iyer, Graham, Koleva, & Haidt, 2009; Kahane, Everett, Earp, Farias, & Savulescu, 2015). No entanto, ainda são levantadas algumas questões para as quais não existe uma resposta universal. O julgamento moral dos indivíduos com elevados traços de Psicopatia tem vindo a ser avaliado de diferentes formas, desde a capacidade de distinção entre transgressões morais e convencionais (e.g., Aharoni, Sinnott-Armstrong, & Kiehl, 2012, 2014; Blair, 1995; Harenski, Edwards, Harenski, & Kiehl, 2014), aos estudos assentes no modelo dos Fundamentos Morais preconizado por Haidt e colaboradores (e.g., Aharoni, Antonenko, & Kiehl, 2011; Almeida et al., 2015; Glenn, Koleva, Iyer, Graham, & Ditto, 2010). Também os métodos de investigação vão de estudos de auto-relato, até estudos de neuroimagem (Glenn et al., 2009; Harrison et al., 2012). No entanto, quando nos debruçamos sobre o domínio mais amplamente estudado a este propósito - o utilitarismo moral - a maioria dos estudos confirma a hipótese de que uma pontuação mais elevada de Psicopatia está associada a um julgamento moral mais utilitário (e.g., Bartels & Pizarro, 2011; Kahane et al., 2015).

O utilitarismo baseia-se na regra de que a ação moral é aquela que maximiza o bem e minimiza o dano para o maior número de pessoas (Bentham, 1948, cit. in Balash & Falkenbach, 2018) e, por isso, assenta num sistema de custo-benefício. Como se explicou, o utilitarismo parece ser uma característica associada à Psicopatia, mas nem todos os estudos confirmam esta hipótese. Num estudo de Marshall e colaboradores (2017), os traços de Psicopatia não se mostraram significativamente correlacionados com o julgamento utilitário, sendo que a única correlação significativa encontrada foi entre o

Fator 2 da Psicopatia (estilo de vida antisocial) e o utilitarismo nos dilemas pessoais¹, o que levou os investigadores a concluir que os indivíduos com elevados traços de Psicopatia possuem uma compreensão moral intacta, mas não se preocupam em agir em função desse conhecimento. Uma explicação levantada para a nulidade dos resultados é o facto de os investigadores estudarem frequentemente amostras universitárias. O estudo de Marshall e colaboradores (2017) vai de encontro a um anterior que, utilizando a *Levenson Self-Report Psychopathy Scale* e uma tarefa de Dilemas Morais, concluiu que um nível elevado de Psicopatia (mais especificamente do Fator 1) não prediz um julgamento moral utilitário num contexto de avaliação de um cenário moral abstrato, mas é capaz de prever uma resposta utilitária quando os próprios são levados a escolher (Tassy, Deruelle, Mancini, Leistedt, & Wicker, 2013). Ademais, outros autores concluíram que quanto mais elevada a pontuação de Psicopatia, maior é a opção por ações danosas quando está em jogo algum tipo de benefício (Gao & Tang, 2013; Koenigs, Kruepke, Zeier, & Newman, 2012).

Quando analisamos as diferenças encontradas entre a Psicopatia Primária e a Secundária, vários estudos apontam para a contribuição distinta dos dois fatores, com a grande maioria a revelar que as decisões utilitárias são mais comuns em pessoas de maior Psicopatia Primária, mas não em pessoas de elevada Psicopatia Secundária (Balash & Falkenbach, 2018; Koenigs et al., 2012; Patil, 2015). Por oposição a estes resultados, um estudo de Gao e Tang (2013) conclui que a associação da Psicopatia com o julgamento moral utilitário é movida por características externas, e não tanto pelo fator afetivo/interpessoal. Este resultado é curioso, na medida em que não vai de encontro a outros estudos semelhantes, e aponta como possível limitação a questão da representatividade da amostra, dado que a maioria das participantes investigadas por Gao e Tang (2013) eram mulheres. Este achado pode levar-nos a considerar a hipótese de que a Psicopatia nas mulheres se manifesta de forma diferente no que diz respeito ao julgamento moral e que essa diferença possa afetar os resultados neste tipo de tarefas.

Na realidade, as diferenças entre sexos são documentadas em vários estudos no âmbito do julgamento moral, sendo que os homens pontuam sempre mais alto tanto no uso do dano pessoal para atingir benefícios (Ritchie & Forth, 2016), como nas medidas de Psicopatia (Patil, 2015), especialmente de Psicopatia Primária (não tendo sido encontradas diferenças na Psicopatia Secundária, no estudo supra referido) e, ainda, em respostas utilitárias a dilemas pessoais. Segundo Gao e Tang (2013) não parecem haver diferenças

¹ A diferença entre os dilemas pessoais e os impessoais é que, apenas os primeiros pressupõem o contacto direto do autor com a vítima (Marshall, Watts, Frankel, & Lilienfeld, 2017).

entre sexos nos dilemas impessoais, nem nos não-morais, apesar de relativamente a esta comparação pessoal-impessoal se verificar um resultado inverso noutros estudos (Balash & Falkenbach, 2018; Patil, 2015), em que os dilemas pessoais suscitaram menos respostas utilitárias do que os impessoais. No que diz respeito à propensão para a realização de dano, os estudos revelam que uma pontuação elevada de Psicopatia prediz a opção por transgressões morais pessoais, independentemente do género, e que o Fator 1 é preditor suficiente desta relação (Ritchie & Forth, 2016).

Quanto ao papel da componente afetiva no julgamento moral, a moderna psicologia da moralidade afirma que a experiência emocional é necessária para o processamento moral (Greene, Sommerville, & Nystrom, 2001), e esta premissa tem sido reforçada em numerosos estudos (e.g., Balash & Falkenbach, 2018; Patil, 2015; Ritchie & Forth, 2016), com alguns a considerarem estas duas variáveis na sua análise. Num estudo de Seara-Cardoso e colaboradores (2012) realizado com uma amostra de homens universitários, o Fator 1 da Psicopatia mostrou-se associado a uma resposta empática diminuída, uma preocupação empática mais baixa e uma dificuldade menor na tomada de decisões em dilemas morais. Por sua vez, o Fator 2 associou-se a uma maior propensão para a preocupação empática. Um ano mais tarde, os mesmos autores tentaram replicar o mesmo estudo numa amostra feminina, tendo concluído que as mulheres revelaram uma associação positiva entre o Fator 1 da Psicopatia e um padrão de resposta utilitário nos dilemas pessoais. Especificamente, aquelas que pontuaram mais alto na escala de Psicopatia registaram um maior utilitarismo em dilemas que envolvem dano direto e menor dificuldade em tomar decisões em dilemas impessoais. Em suma, concluímos que nas mulheres, os resultados associados à empatia são semelhantes aos encontrados nos homens, sendo estes défices emocionais mais uma vez exclusivos do Fator 1, o que reforça o contributo distinto dos dois fatores da Psicopatia no processamento emocional e moral (Seara-Cardoso, Dolberg, Neumann, Roiser, & Viding, 2013). O estudo de Tassy e colaboradores (2013) realça igualmente o contributo da componente emocional, na medida em que se assume que a proximidade afetiva com a vítima se traduz num menor utilitarismo e os indivíduos com maiores níveis de Psicopatia não são influenciados por este fator, pois possuem um défice de reação emocional face ao sofrimento dos outros. Segundo os autores, as consequências pessoais fortes podem influenciar mais a ação do que o julgamento abstrato e, por isso, a explicação levantada para a discrepância entre estes resultados e os obtidos em estudos anteriores prende-se com a forma de perguntar,

partindo do pressuposto que é diferente ser agente ou observador num determinado cenário moral.

Face ao exposto, podemos deduzir que um menor sentido de identidade moral pode explicar algum do comportamento imoral ou antissocial (independentemente das diferenças de desempenho em tarefas de julgamento moral) e que elevados traços de Psicopatia se traduzem num julgamento moral mais utilitário. Por sua vez, a componente emocional assume-se como fator chave do não-utilitarismo, na medida em que a partir do momento em que se verifiquem défices na resposta emocional, a emoção negativa de causar dano ao outro não é experienciada da mesma forma pelos indivíduos com pontuações elevadas de Psicopatia e, por isso, o número de respostas utilitárias é maior. Neste sentido, é plausível que certos traços psicopáticos induzam alterações do julgamento moral, o que pode ser explicativo dos comportamentos considerados moralmente inadequados praticados por indivíduos de elevada Psicopatia: ainda que sejam capazes de distinguir o “certo” do “errado”, parecem agir sem ter em conta esse conhecimento (Glenn et al., 2010) ou, por outras palavras, parece que “os psicopatas distinguem o certo do errado, mas simplesmente não querem saber” (Cima, Tonnaer, & Hauser, 2010, pp. 66).

No que concerne à componente emocional, o reconhecimento de estados emocionais é essencial para uma interação social bem-sucedida entre seres humanos e a literatura apresenta-nos dados conflitantes no que diz respeito à capacidade de reconhecimento de emoções por parte de indivíduos com comportamentos antissociais, sobretudo quando investigados em contextos forenses, e em especial os de elevada Psicopatia. Trata-se de um tema bastante abrangente e para o qual têm vindo a ser utilizadas diversas medidas, desde as decorrentes dos estudos de neuroimagem (Contreras-Rodríguez et al., 2014; Deeley et al., 2006; Hyde, Byrd, Votruba-Drzal, Hariri, & Manuck, 2014; Pera-Guardiola et al., 2016), às comportamentais, obtidas em tarefas de reconhecimento de expressões faciais. Como forma de desenvolvimento de uma estratégia eficiente de manipulação, seria expectável que os indivíduos que exibem elevados traços psicopáticos tivessem boas capacidades de identificação e discriminação de emoções nos outros, de modo a que a informação emocional se tornasse útil para seu ganho pessoal. No entanto, esta ideia é contraditada pela investigação, que parece sugerir que a Psicopatia está associada a défices no reconhecimento e/ou processamento de expressões emocionais (Visser, Bay, Cook, & Myburgh, 2010).

Aquilo que a teoria indica é que os indivíduos com elevadas pontuações nas escalas de Psicopatia parecem processar a informação emocional de forma diferente dos que

pontuam baixo nessas escalas (Cleckley, 1988; Lykken, 1995) e uma das hipóteses formuladas a este respeito é a hipótese da disfunção da amígdala (Blair et al., 2004), com dados que a validam empiricamente para a população adulta. A referida hipótese preconiza que este déficit de processamento de expressões emocionais por parte de indivíduos de elevada psicopatia está centrado no processamento da tristeza e do medo (“emoções amigdalinas”), por oposição às expressões de alegria, raiva e nojo (“emoções não-amigdalinas”). Contudo, esta dissociação nem sempre se verifica (e.g., Pham & Philippot, 2010) e nem todos os estudos comportamentais evidenciam que pessoas de elevada psicopatia têm uma capacidade deficitária em reconhecer emoções, na medida em que não reportam diferenças significativas entre estas pessoas e controlos nas percentagens de acertos ou tempos de resposta em tarefas de processamento emocional (Deeley et al., 2006), da mesma forma que não lhes apontam qualquer dificuldade no reconhecimento de expressões de medo e tristeza (Seara-Cardoso et al., 2012). Mais uma vez, a nulidade de resultados pode justificar-se pelo facto de serem obtidos com amostras comunitárias. Outra possível explicação para esta ausência de efeitos prende-se com o facto de que, tendencialmente, a relação entre a Psicopatia e o pior reconhecimento emocional deixa de ser significativa quando controladas outras capacidades cognitivas gerais, que são vistas como mediadoras desta relação. É de realçar a este propósito que vários estudos recentes (e.g., Igoumenou, Harmer, Yang, Coid, & Rogers, 2017; Olderbak, Mokros, Nitschke, Habermeyer, & Wilhelm, 2018) apontam para o facto de que não só a Psicopatia está associada a um forte déficit nas capacidades cognitivas gerais, como confirmam que o fraco desempenho em tarefas emocionais reportado noutros estudos se deve a esse déficit (que geralmente não é tido em conta). Por isso, a Psicopatia pode ser independente das dificuldades de reconhecimento emocional (geral e específico) previamente identificadas. Estes resultados vão de encontro aos de um estudo anterior que avalia a inteligência emocional em indivíduos com elevados traços de Psicopatia e conclui que a relação previamente encontrada entre as pontuações totais de Psicopatia e a inteligência emocional (que inclui o reconhecimento de emoções) desaparece quando é controlada a capacidade intelectual (Ermer, Kahn, Salovey, & Kiehl, 2012). Neste sentido, é importante incluir uma medida de avaliação das capacidades cognitivas gerais, pelo menos em amostras de alto risco, como forma de evitar a disparidade de resultados existentes, que pode ser apenas uma consequência da falta de controlo deste tipo de variáveis (Olderbak et al., 2018).

Além da ausência de défices, há até estudos que evidenciam uma percentagem inferior de erros em emoções como o medo por parte de indivíduos com altas pontuações

de Psicopatia Primária (Del Gaizo & Falkenbach, 2008), bem como um melhor desempenho destes com o aumento do distanciamento emocional numa tarefa de reconhecimento com indução de estados de humor (Habel, Kühn, Salloum, Devos, & Schneider, 2002). Este achado é consistente com a ideia da vantagem que os indivíduos de alta Psicopatia Primária têm no reconhecimento adequado de emoções como meio de gerir adequadamente as suas estratégias de manipulação. Esta ideia acaba por ir também de encontro às conclusões de Ermer e colaboradores (2012), quando afirmam que a capacidade de utilizar informação emocional e o uso efetivo que lhe é dado são competências distintas. Na verdade, a capacidade de reconhecimento emocional em tarefas de investigação experimental pode ser influenciada por condições de recompensa no início da tarefa (Iria, Barbosa, & Paixão, 2015), pelo que não se pode assumir que esta capacidade está “deficitária” em indivíduos de elevada Psicopatia. Ainda a propósito do estudo de Del Gaizo e Falkenbach (2008), e focando agora em participantes de elevada Psicopatia Secundária, a sua não-relação com défices de reconhecimento emocional foi uma surpresa para os autores. Perante as evidências, discutem a possibilidade de o défice estar centrado na capacidade de sentir emoções, mas não na sua identificação ou reconhecimento, apontando ainda como possível causa da ausência de efeitos o facto de se tratar de uma amostra comunitária, maioritariamente constituída por mulheres. De fato, não é de descartar a possibilidade de que o sexo possa ter influenciado os resultados, na medida em que diversos estudos mostram que os homens são piores na identificação de expressões emocionais do que os seus pares do sexo feminino (e.g., Thayer & Johnsen, 2000).

Por outro lado, a maioria da literatura descreve os indivíduos com índices elevados de psicopatia como indivíduos com baixos níveis de perceção, compreensão, facilitação e gestão emocional (Visser et al., 2010). Quando se avaliam as emoções separadamente, procedimento cuja importância é apontada por vários autores (e.g., Brook & Kosson, 2013), é frequentemente levantada a hipótese de os défices de reconhecimento emocional serem específicos e dependentes da emoção em questão. Concretamente, apesar de o desempenho geral ser pior nos indivíduos de elevada Psicopatia, o reconhecimento de expressões de medo é tido como aquele em que o número de erros é maior (Blair et al., 2004), a par da tristeza (emoções amigdalinas), por oposição às expressões de alegria, raiva e nojo.

No entanto, a literatura é inconsistente. Num estudo de Eisenbarth e colaboradores (2008) com uma amostra de mulheres reclusas, a Psicopatia mostrou-se significativamente

associada a um pior desempenho no reconhecimento de todas as emoções primárias, com a exceção da alegria, não obstante o facto de o medo se ter revelado como a emoção com maior número de erros. O mesmo estudo também recolheu dados relativos à classificação das participantes no que diz respeito a ativação e valência dos estímulos emocionais, sendo que aquelas que obtiveram pontuações de Psicopatia mais elevadas atribuíram um grau de ativação inferior e uma valência mais negativa aos estímulos, quando comparadas com grupos de controlo. Este achado contrasta parcialmente com os resultados de um outro estudo, no qual a pontuação de Psicopatia Primária foi preditora da atribuição de uma valência mais positiva às emoções negativas e a Psicopatia Secundária da atribuição de uma valência mais negativa às emoções neutras (Ali, Amorim, & Chamorro-Premuzic, 2009). Por sua vez, outros estudos acentuam as diferenças entre participantes de elevada e baixa Psicopatia na identificação das emoções de raiva, medo e nojo, reportando para este último um desempenho muito fraco por parte do grupo de participantes com elevada Psicopatia. Este resultado acaba, mais uma vez, por suportar a visão de que o défice de reconhecimento emocional é específico (apesar de as emoções mais afetadas serem diferentes entre estudos), e o resultado mais surpreendente deste estudo prende-se com o facto de que a raiva é melhor identificada pelos indivíduos de elevada Psicopatia, tal como aconteceu no estudo de Igoumenou e colaboradores (2017). Uma explicação avançada por Doninger e Kosson (2001) é de que os referidos indivíduos são mais propensos a considerar a dimensão de agressividade na avaliação dos estados emocionais (Kosson, Suchy, & Mayer, 2003).

Importa também realçar que há estudos que não confirmam sequer défices na identificação da emoção de medo. Um estudo de Hansen e colaboradores (2008) numa amostra de homens reclusos realçou a ausência de resultados significativos para as expressões de medo e tristeza. Como este, um outro estudo (Hastings, Tangney, & Stuewig, 2008) apenas encontrou correlações negativas significativas para a identificação das expressões de alegria e tristeza, mas não para o medo, apesar de reportar um pior desempenho no geral por parte dos indivíduos com maiores níveis de Psicopatia. Ainda um terceiro estudo reportou que na Psicopatia primária, os erros de identificação se centram mais nas emoções de nojo, vergonha e tristeza, e não na de medo (Prado, Treeby & Crowe, 2015), o que nos leva a concluir que os resultados são bastante divergentes no que diz respeito às emoções que são afetadas por este défice de reconhecimento.

Geralmente a pontuação total da Psicopatia está negativamente correlacionada com o número de acertos ou a precisão em tarefas de reconhecimento emocional (e.g., Brook &

Kosson, 2013; Hastings et al., 2008). No entanto, no que diz respeito ao contributo distinto dos dois fatores da Psicopatia para este desempenho, os resultados são, mais uma vez, conflitantes e pouco uniformes. Enquanto alguns estudos reportam défices em ambos os fatores, nas mesmas emoções ou em emoções distintas (e.g., Igoumenou et al., 2017; Prado et al., 2015), outros reportam défices associados a um dos fatores, como é o exemplo do estudo de Brook e Kosson (2013). Surpreendentemente, estes investigadores só encontraram défices significativos associados ao Fator 2, e não ao Fator 1, como seria de esperar, justificando este resultado com o pressuposto de que se a empatia cognitiva é crucial para o comportamento pró-social, a falta desta resulta nas facetas antissociais e impulsivas, características do Fator 2. Ainda a propósito da diferenciação dos dois fatores quanto a défices específicos associados a cada um deles, encontramos mais uma vez resultados divergentes. Prado e colaboradores (2015) observaram que o Fator 1 estava negativamente correlacionado com o reconhecimento de todas as emoções, exceto a alegria, enquanto o Fator 2 apenas se correlacionava negativamente com o reconhecimento de expressões de nojo e vergonha. No estudo de Hastings e colaboradores (2008), o Fator 1 apenas se relacionava com défices no reconhecimento da tristeza, enquanto o Fator 2 se relacionava não só com défices nas expressões de tristeza, mas também nas de alegria, com todas as correlações a revelarem-se negativas, embora nem sempre significativas, o que vai de acordo à ideia de que a Psicopatia está associada a um pior desempenho nas tarefas de reconhecimento emocional, independentemente dos défices específicos e da significância das correlações.

Pela literatura sumariamente revista, é possível que as pessoas de elevada Psicopatia não evidenciem consistentemente défices de reconhecimento emocional em aspetos concretos e específicos das diferentes tarefas de reconhecimento, mas falhem por vezes ao julgar as componentes mais complexas e integrativas da emoção no outro (Brook & Kosson, 2013). Também não podemos concluir com clareza se os défices são globais ou específicos de determinadas emoções, nem quais as emoções realmente afetadas no caso de se tratar de um défice específico (Olderbak et al., 2018).

Em síntese, a Psicopatia, enquanto constructo, tem vindo a ser amplamente estudada, contando com cerca de sete décadas de investigação. O progresso tem sido magnífico e atualmente somos detentores de um vasto conhecimento das características que a definem, bem como sobre certos défices específicos que podem estar-lhe associados (Mullins-Nelson, Salekin, & Leistico, 2006). Contudo, a investigação tem-se focalizado muito mais em amostras masculinas do que femininas. Apesar do número crescente de

estudos sobre a Psicopatia em mulheres e da necessidade e pertinência dos mesmos (e.g., Nicholls & Petrila, 2005), ainda pouco se sabe sobre o seu desempenho em tarefas de processamento emocional, bem como a eventual relação deste processamento com o julgamento moral. Na tentativa de contribuir para elucidar esta relação, a presente investigação tem como objetivos avaliar: (a) o desempenho de um grupo de mulheres reclusas em tarefas comportamentais de reconhecimento emocional e julgamento moral; (b) até que ponto este desempenho é influenciado pelo nível de Psicopatia e não por outros fatores, como as capacidades cognitivas gerais, a escolaridade, o historial de consumos ou a toma de medicação psicotrópica ou psicoativa; e (c) até que ponto o processamento emocional medeia a eventual relação entre a Psicopatia e o julgamento moral.

Prevê-se que uma maior pontuação de Psicopatia seja preditora de um julgamento moral mais utilitário e de um pior desempenho na tarefa de reconhecimento de expressões emocionais, testando o contributo distinto dos dois fatores. A par destas, é levantada uma terceira predição, de que a relação entre a Psicopatia e o julgamento moral utilitário é mediada pela componente emocional. Por fim, analisa-se o desempenho na tarefa de reconhecimento emocional por emoção, como forma de averiguar a possível existência de défices específicos de determinada categoria emocional.

Método

1. Participantes

De um total de 51 mulheres reclusas em um estabelecimento prisional da região Norte do país que foram aleatoriamente convidadas a participar no estudo, a amostra final foi constituída por 35 participantes, na sequência da aplicação dos critérios de exclusão que se explicam em baixo. Todas as mulheres eram de nacionalidade portuguesa, várias etnias e idades compreendidas entre os 24 e os 62 anos ($M = 38.4$, $DP = 10.6$). A escolaridade vertical da amostra variou entre os 4 e os 18 anos de estudos ($M = 9.83$, $DP = 3.30$). Foram utilizados como critérios de exclusão: (a) analfabetismo ($n = 1$); (b) diagnóstico prévio de doença mental ($n = 3$); (c) uma pontuação abaixo do percentil 10 nas Matrizes Progressivas de Raven ($n = 4$; ver secção 2.1), sendo que oito das participantes desistiram antes de terminar a referida prova, pelo que foram igualmente excluídas. Doze participantes reportaram historial de consumos e um total de 17 fazia uso de medicação psicotrópica ou psicoativa². Testes de Mann-Whitney indicam que enquanto que as médias dos tempos de resposta na tarefa de reconhecimento das diferentes expressões emocionais (ver secção 2.2) não são afetadas pelo historial de consumo (todos $p > .079$), existem diferenças entre as participantes medicadas ($Mdn = 4840$ ms) e não medicadas ($Mdn = 3910$ ms) nos tempos de resposta às expressões de Surpresa, $U = 91$, $p = .041$, bem como às expressões de Medo, $U = 80$, $p = .015$, também neste caso com o subgrupo de participantes medicadas a revelar tempos de resposta superiores ($Mdn = 7819$ ms) às não medicadas ($Mdn = 4760$ ms).

Tabela 1.

Resultados do Teste de Mann-Whitney para a comparação do grupo Com Vs. Sem histórico de consumos

	<i>U</i>	<i>p</i>	Tamanho do Efeito (Rank-Biserial Correlation)
Média TR - Raiva	184	.115	.333
Média TR - Surpresa	116	.461	-.159
Média TR - Medo	148	.745	.072
Média TR - Tristeza	161	.440	.167
Média TR - Alegria	159	.482	.152
Média TR - Nojo	189	.079	.370
Média TR - Neutro	133	.878	-.036

Nota. TR = Tempo de Resposta

² Antidepressivos ($n = 3$); Ansiolíticos ou Hipnóticos ($n = 8$); Antidepressivos e Ansiolíticos/Hipnóticos ($n = 6$)

Tabela 2.

Resultados do Teste de Mann-Whitney para a comparação do grupo *Uso* Vs. *Não Uso de Medicação Psicotrópica ou Psicoativa*

	<i>U</i>	<i>p</i>	Tamanho do Efeito (Rank-Biserial Correlation)
Média TR - Raiva	119	.273	- .222
Média TR - Surpresa	91	.041	- .405
Média TR - Medo	80	.015	- .477
Média TR - Tristeza	151	.961	- .013
Média TR - Alegria	106	.126	- .307
Média TR - Nojo	122	.318	- .203
Média TR - Neutro	107	.134	- .301

Nota. TR = Tempo de Resposta

2. Materiais e Instrumentos de Avaliação

2.1. Teste das Matrizes Progressivas de Raven

Na tentativa de precaver a influência da capacidade intelectual na realização das tarefas e porque o desempenho neste tipo de provas tende a ser inferior em populações forenses (Sanders, Lubinski, & Benbow, 1995), foram administradas as *Standard Progressive Matrices* (SPM; Raven, Court, & Raven, 1998). Trata-se de um teste não-verbal de avaliação da inteligência, que tem a particularidade de minimizar o impacto das capacidades linguísticas e barreiras culturais. É pedido à participante que identifique numa série de padrões figurativos a componente que falta na sequência, sendo a dificuldade crescente ao longo da tarefa. Foi utilizado um estudo português de Garcia (2016) para determinar o ponto de corte a aplicar enquanto critério de exclusão, tendo sido utilizados como valores de referência aqueles apontados pelo estudo supra referido como correspondentes ao percentil 10, para cada grau de escolaridade.

2.2. Tarefa de Reconhecimento Emocional

Para avaliar o desempenho no domínio do reconhecimento emocional, foi administrada uma tarefa de identificação de emoções em faces, com fotografias da base de dados Radboud (uma base de dados de acesso livre da Universidade de Radboud, Nijmegen, Holanda). Foram escolhidas as expressões faciais de 3 modelos femininos e 3 masculinos, de acordo com a maior percentagem de acertos (Langner, Dotsch, Bijlstra, & Wigboldus, 2010). Para cada modelo, foram utilizadas as expressões de raiva, surpresa, medo, tristeza, alegria, nojo e neutra.

Utilizando o E-Prime 2.0, foi construído um bloco com um total de 42 estímulos (expressões emocionais), apresentados sequencialmente, de forma aleatória, com tempo de resposta livre e sem intervalo interestímulos. Em cada ensaio, as participantes tinham de pontuar a ativação e a valência da expressão emocional, numa escala de 1 a 7, baseada no *Self-Assessment Manikin* (SAM; Bradley & Lang, 1994). Por fim, identificavam a emoção presente na imagem por escolha forçada entre as emoções investigadas. Para responder, deveriam premir a tecla correspondente à resposta pretendida no teclado numérico de um computador portátil. As medidas recolhidas desta tarefa foram as classificações de cada estímulo nos domínios da ativação e valência, a categoria seleccionada para cada expressão emocional e os tempos de resposta em milissegundos.

2.3. Tarefa de Julgamento Moral

Para avaliar o julgamento moral utilitário foi utilizado um conjunto de Dilemas Morais da adaptação portuguesa de Fernandes e colaboradores (2018) do original de Greene e colaboradores (2008). Após a apresentação de cada um dos dilemas, a participante deverá responder “sim” ou “não”, consoante achar que a solução apresentada é ou não moralmente aceitável, utilizando as teclas correspondentes para o efeito no teclado numérico. A versão portuguesa é composta por 40 dilemas, mas, para evitar um protocolo demasiado extenso e tendo em conta a amostra em questão, no presente estudo foram utilizados apenas os 12 dilemas pessoais de alto conflito e administrada a versão curta do teste, validada pelos mesmos autores. A consistência interna desta versão mostrou-se elevada ($\alpha = .85$) e não foram encontradas diferenças significativas nas respostas utilitárias de ambas as versões (Fernandes et al., 2018).

Utilizando o E-Prime 2.0, a tarefa foi dividida em 2 blocos, de 6 dilemas cada, apresentados de forma aleatória, com o propósito de possibilitar uma pausa a meio da tarefa, sem limite temporal. Na apresentação de cada dilema, a participante teve tempo ilimitado para a leitura e interpretação da situação em causa, decidindo quando avançar para a resposta, de acordo com a sua opinião. Aquando da resposta o protocolo avançava imediatamente para o dilema seguinte. Em todos os dilemas, a resposta “sim” correspondia à solução utilitária para o problema em causa e, por isso, a medida de *utilitarismo* corresponde ao número de respostas positivas aos dilemas.

2.4. Escala de Auto-Relato de Psicopatia de Levenson

A Psicopatia foi avaliada com a LSRPS (Levenson, Kiehl, & Fitzpatrick, 1995; adaptação portuguesa de Barbosa, Gonçalves, Almeida, Ferreira-Santos, & Marques-Teixeira, 2014). Trata-se de uma escala de 26 itens, que avalia a Psicopatia em 2 domínios, Primária e Secundária, correspondentes aos fatores 1 e 2 da PCL-R de Hare. Esta escala tem mostrado boa validade em amostras masculinas e femininas (Neumann, Schmitt, Carter, Embley, & Hare, 2012) e está fortemente correlacionada com a PCL-R (Seara-Cardoso et al., 2013), sendo referenciada como uma medida válida e confiável para avaliar a Psicopatia em populações institucionalizadas (Moreira et al., 2014). A resposta a cada item varia de 1 (discordo fortemente) a 4 (concordo fortemente) e maiores pontuações correspondem a maiores níveis de Psicopatia. As medidas retiradas deste instrumento foram a pontuação total de Psicopatia e as pontuações de Psicopatia Primária e Secundária, calculadas de acordo com as regras de cotação do estudo de tradução e adaptação portuguesa (Barbosa et al., 2014).

3. Procedimentos

A recolha de dados foi efetuada na ala feminina de um Estabelecimento Prisional do Grande Porto, com autorização da Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (ver Anexo 1).

Todas as participantes foram avaliadas individualmente, após consentimento informado (ver Anexo 2), no espaço da biblioteca do estabelecimento prisional. A confidencialidade e anonimato foram assegurados desde o momento da recolha de dados, tendo sido atribuído um número às respostas e demais dados de cada participante, de modo a impossibilitar a sua identificação posterior.

O teste de avaliação da inteligência e a escala de Psicopatia foram aplicadas utilizando o formato de papel e lápis e as restantes tarefas com recurso a computador. O protocolo iniciou-se com uma entrevista semiestruturada com objetivo de recolha dos dados sociodemográficos de interesse (idade, escolaridade, historial de consumos e medicação prescrita). Seguiu-se a aplicação das Matrizes Progressivas de Raven. Depois, administraram-se as tarefas de reconhecimento emocional e julgamento moral, balanceando-se a ordem das mesmas entre as participantes (metade começou pela tarefa de reconhecimento de expressões emocionais e só depois realizou a tarefa de julgamento

moral; a outra metade fez o inverso). Após a leitura das instruções, foi realizado um ensaio de teste antes do início de cada uma das tarefa por forma a exemplificar o que era pedido e esclarecer, quando necessário, alguma dúvida que pudesse ter permanecido. Iniciadas as tarefas, as participantes completaram-nas sozinhas e sem auxílio nem qualquer *feedback* quanto às suas respostas. Por fim, foi aplicado o instrumento de avaliação da Psicopatia, a LSRPS.

No que concerne aos procedimentos de análise de dados, recorreu-se a modelos estatísticos de regressão para verificar se as pontuações da escala de Psicopatia e respetivos fatores prediziam significativamente o desempenho das participantes nas tarefas comportamentais (julgamento moral e reconhecimento emocional). Também se testou a variância explicada pelo grau de escolaridade e pela pontuação no teste de avaliação das capacidades intelectuais, tendo sido testados os pressupostos de normalidade e homogeneidade em todos os casos. Para garantir a robustez das regressões, testou-se a colinearidade pelo cálculo da tolerância e do Fator de Inflação da Variância (VIF), bem como a autocorrelação dos resíduos através do *D* de Durbin-Watson. Os valores obtidos foram aceitáveis em todas as análises. Como método de deteção de casos extremos calculou-se o *d* de Cook e identificaram-se casos de resíduos padronizados superiores a 2. Em todas análises realizadas, apenas foi identificado um caso extremo, que foi eliminado do modelo para testar a predição da pontuação total de Psicopatia na tarefa de julgamento moral.

Posteriormente, recorreu-se a um modelo de mediação para testar a influência do reconhecimento emocional na relação entre a Psicopatia e o julgamento moral utilitário. Como análise acessória, examinaram-se as diferenças das pontuações médias de ativação e valência entre a amostra investigada e a amostra normativa da base de dados das expressões emocionais.

Todas as análises foram efetuadas com recurso ao programa JASP (versão 0.10.2.0).

Resultados

1. Estatísticas Descritivas

Na tabela abaixo são reportadas as médias e desvios padrão das três variáveis principais em estudo - Psicopatia, Julgamento Moral e Reconhecimento Emocional.

Tabela 3.
Estatísticas Descritivas das Variáveis Principais

		Média (Desvio Padrão)
<i>Pontuações Levenson Self-Report Psychopathy Scale</i>	Total	46.1 (8.08)
	Primária	27.3 (5.88)
	Secundária	18.8 (3.60)
Tarefa Dilemas - Respostas Utilitárias (%)		41.7 (24.8)
Tarefa de Reconhecimento Emocional - N.º Acertos	Total	31.5 (6.35)
	Raiva	4.00 (1.70)
	Surpresa	5.09 (1.17)
	Medo	3.94 (1.73)
	Tristeza	4.37 (1.48)
	Alegria	5.69 (0.758)
	Nojo	4.09 (1.82)
	Neutro	4.29 (1.79)

Nota. O valor máximo possível de acertos total na tarefa de reconhecimento emocional é de 42 e de acertos por emoção na mesma tarefa é de 6.

2. Teste das hipóteses

Inicialmente foi efetuada uma regressão linear simples, para testar a hipótese de que a *escolaridade* e as *capacidades intelectuais gerais* (pontuação das Matrizes de Raven) não são preditoras do desempenho nas tarefas comportamentais. A escolaridade e a pontuação das Matrizes não se mostraram preditoras significativas da tarefa de julgamento moral,

$Adj. R^2 = -.005$, $F(2,32) = 0.91$, $p = .413$, nem da tarefa de reconhecimento de expressões emocionais, $Adj. R^2 = -.036$, $F(2,32) = 0.41$, $p = .664$.

Seguidamente, como forma de avaliar até que ponto o desempenho nas duas tarefas comportamentais (julgamento moral e reconhecimento emocional) é predito pela pontuação total de Psicopatia e de cada um dos seus fatores, foram realizadas diversas regressões lineares.

Na tarefa de julgamento moral, foi encontrada uma equação de regressão significativa, $R^2 = .186$, $F(1,32) = 7.34$, $p = .011$, tomando a *pontuação total de Psicopatia* como variável preditora. Os dados indicam que uma maior pontuação total de Psicopatia prediz uma maior percentagem de respostas positivas nos dilemas morais, $b = 1.29$, $t(1,32) = 2.71$, $p = .011$, e, por isso, um julgamento moral mais utilitário. Para testar os contributos distintos dos dois fatores da Psicopatia, o mesmo processo foi repetido, usando como preditoras a *pontuação de Psicopatia Primária* e a *pontuação de Psicopatia Secundária*. A equação de regressão revelou-se significativa, $Adj R^2 = .314$, $F(2,32) = 8.78$, $p < .001$, sendo que a Psicopatia Primária se revelou um preditor significativo do julgamento utilitário, $\beta = 0.65$, $t(2,32) = 4.17$, $p < .001$, assim como a Psicopatia Secundária $\beta = -0.33$, $t(2,32) = 2.10$, $p = .043$.

O mesmo processo de análise foi aplicado à tarefa de reconhecimento emocional, sendo que neste caso a equação de regressão não se revelou significativa, $R^2 = .071$, $F(1,33) = 2.52$, $p = .122$, o que significa que uma maior *pontuação total de Psicopatia* não prediz um menor número de acertos na tarefa de reconhecimento emocional, $b = -0.21$, $t(1,33) = 1.59$, $p = .122$. No entanto, considerando como variáveis preditoras a *pontuação da Psicopatia Primária* e da *Psicopatia Secundária*, o modelo de regressão revelou-se significativo, $Adj R^2 = .131$, $F(2,32) = 3.56$, $p = .040$, mas apenas a Psicopatia Primária demonstrou ser um preditor significativo, $\beta = -0.47$, $t(2,32) = 2.67$, $p = .012$, enquanto para a Psicopatia Secundária observou-se um $\beta = 0.22$, com $t(2,32) = 1.23$ e $p = .227$.

Foram desenvolvidas análises de regressão adicionais, tomando como variável de resultado as pontuações observadas (número de acertos) em cada uma das categorias emocionais, na tentativa de perceber se existiria algum défice específico no reconhecimento de emoções. Utilizou-se como único preditor dos modelos de regressão a *pontuação de Psicopatia Primária*, já que só essa pontuação se revelou significativa na análise anterior.

Após feitas correções para regressões múltiplas (foram conduzidos sete modelos, um por cada condição emocional), ajustando os valores de p através do método FDR, os resultados indicam que a única equação de regressão significativa, $R^2 = .25$, $F(1,33) = 11.1$, $p = .014$, é a correspondente à emoção neutra, $b = - 0.15$, $t(1,33) = - 3.33$. Também se havia encontrado um resultado significativo para as expressões de raiva, $b = - 0.11$, com $t(1,33) = - 2.27$ e $p = .030$, tendo-se perdido a significância encontrada após a correção para regressões múltiplas. É de ressaltar que na presente análise foi constatada uma violação notória da normalidade dos resíduos para a emoção *Alegria*. No entanto, a análise foi mantida considerando simulações estatísticas que demonstram que os resultados das regressões lineares simples são fiáveis com uma amostra superior a 15 participantes, ainda que a distribuição dos resíduos se afaste substancialmente da normalidade (Minitab, 2015).

Por fim, foi efetuada uma análise de mediação na tentativa de perceber se a variável *reconhecimento emocional* é mediadora da relação reportada entre a *Psicopatia* e o *julgamento moral utilitário*. Aquilo que os resultados indicam é que quando incluímos no modelo a pontuação total de Psicopatia, o referido efeito de mediação não se verifica, pois o único coeficiente de correlação significativo no modelo ocorre entre a pontuação total de Psicopatia e o julgamento moral utilitário ($p = .040$).

Testando os dois fatores da Psicopatia separadamente, enquanto no modelo com a Psicopatia Secundária nenhum dos coeficientes de correlação se mostrou significativo (todos $p > .139$), já no caso da Psicopatia Primária, tal como ilustra a Figura 1, os coeficientes de regressão estandardizados entre a Psicopatia Primária e o julgamento moral utilitário e a Psicopatia Primária e o reconhecimento emocional são estatisticamente significativos ($p = .002$ e $p = .025$, respetivamente). No entanto, a significância da relação entre o reconhecimento emocional, enquanto variável mediadora, e o julgamento moral utilitário sob influência da Psicopatia Primária, não é estatisticamente significativa, $b = - 0.30$; $t(32) = - 0.46$; $p = .646$, e, após controlar o reconhecimento emocional, a Psicopatia Primária mantém-se como um preditor significativo do julgamento moral utilitário, $b = 2.05$, $t(32) = 2.98$, $p = .006$, pelo que o efeito de mediação não se confirma no presente modelo.

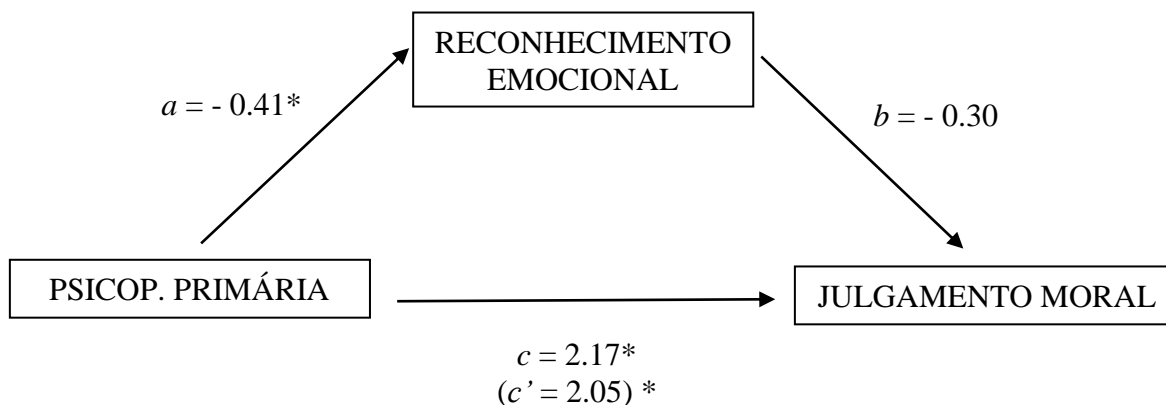


Figura 1. Coeficientes de regressão estandardizados para a relação entre a pontuação de Psicopatia primária e o julgamento moral utilitário, mediada pela capacidade de reconhecimento emocional. O coeficiente de regressão estandardizado entre a Psicopatia primária e o julgamento moral utilitário, quando controlada a capacidade de reconhecimento emocional, está entre parêntesis.

* $p < .05$

3. Análises Complementares

Para análise dos dados relativos às respostas de ativação e valência dadas pelas participantes na tarefa de reconhecimento emocional foram calculadas as diferenças entre as respostas das participantes a cada estímulo e a média das respostas do estudo de validação para o mesmo estímulo, disponível na base de dados. O resultado desta subtração permite analisar o quanto as respostas das participantes se desviam da média de respostas consideradas normativas em termos de ativação e valência; ou seja, traduz-se numa medida de desvio da norma. Nas tabelas 4 e 5, seguidamente disponibilizadas, encontram-se as estatísticas descritivas das variáveis correspondentes aos desvios, para cada uma das categorias emocionais. Os resultados indicam que enquanto na ativação todos os desvios são negativos, ou seja, as participantes tendem a reportar um valor de ativação inferior, no caso da valência, as emoções de Raiva e Nojo são avaliadas mais positivamente do que a valência média observada no estudo normativo.

Tabela 4.

Estatísticas Descritivas dos Desvios das Respostas de Ativação

	RAIVA	SURPRESA	MEDO	TRISTEZA	ALEGRIA	NOJO	NEUTRO
Média	-1.28	-1.69	-1.59	-1.67	-0.93	-1.73	-2.47
Desvio Padrão	1.56	1.15	1.65	1.48	1.32	1.27	1.14
Mínimo	-3.98	-3.75	-4.73	-3.62	-4.04	-4.32	-4.01
Máximo	1.69	0.59	1.27	1.22	0.96	1.19	0.32

Tabela 5.

Estatísticas Descritivas dos Desvios das Respostas de Valência

	RAIVA	SURPRESA	MEDO	TRISTEZA	ALEGRIA	NOJO	NEUTRO
Média	0.26	-0.07	- .006	-0.25	-0.47	0.35	- .997
Desvio Padrão	0.96	1.04	1.07	0.96	1.06	0.96	0.85
Mínimo	-1.43	-2.52	-1.62	-1.49	-3.37	-1.33	-2.78
Máximo	2.24	1.65	2.55	2.51	0.96	2.67	0.72

A este propósito foi ainda testado o efeito preditivo dos dois fatores da Psicopatia nas pontuações de ativação e valência através de modelos independentes de regressão múltipla. Os únicos coeficientes de regressão significativos foram verificados para a *Psicopatia Secundária* como preditora da *ativação nas expressões de surpresa*, $\beta = .385$, $t(2, 32) = 2.12$, $p = .042$, e da *valência nas expressões de nojo*, $\beta = .369$, $t(2, 32) = 2.03$, $p = .051$). No entanto, após aplicadas as correções para regressões múltiplas, estes efeitos perderam significância.

Discussão e conclusões

No que concerne à influência dos traços de Psicopatia e seus respetivos fatores em questões de julgamento moral e reconhecimento de expressões emocionais, a literatura não é uniforme. Não existe um consenso sobre se estas possíveis alterações afetivas podem manifestar-se nas mulheres, e se são semelhantes às dos seus pares do sexo masculino. Uma possível explicação para esta divergência prende-se com o facto de serem utilizadas metodologias diferentes e a operacionalização das hipóteses ser igualmente distinta. Adicionalmente, os estudos com amostras exclusivamente femininas ainda são escassos. Não obstante, as medidas de Psicopatia já foram validadas e provaram ser consistentes e igualmente aplicáveis às mulheres.

Com o presente estudo pretendeu-se avaliar o desempenho de mulheres reclusas em tarefas de julgamento moral e reconhecimento emocional, analisando até que ponto este desempenho é influenciado pelos traços de Psicopatia (Primária e Secundária), considerando também outros fatores, como a escolaridade ou as capacidades intelectuais gerais. Procurou-se, também, testar o efeito mediador do reconhecimento emocional na relação entre a Psicopatia e o julgamento moral utilitário. Além disso, em termos de análise mais exploratória, tentou-se perceber se, caso existisse um défice de reconhecimento emocional, este seria específico (ou seja, circunscrito a certas emoções) ou geral (abrangendo todas as categorias emocionais).

No que diz respeito às pontuações na escala de Psicopatia, verificámos que a média das pontuações não é muito elevada, o que não é inesperado, tendo em conta o género da amostra e as evidências de que nas mulheres as pontuações nos instrumentos de avaliação da Psicopatia tendem a ser inferiores às dos homens (e.g., Cale & Lilienfeld, 2002).

A média de respostas utilitárias na tarefa de julgamento moral foi inferior a 50%, mas um estudo de Choe e Min (2011) reportou uma média de 9.8 julgamentos utilitários em 25 dos dilemas morais de Greene e colaboradores (2011), o que significa uma percentagem de 39%. Portanto, a percentagem de julgamentos utilitários das mulheres por nós investigadas é um pouco superior, embora não seja possível testar a significância estatística desta diferença.

Na tarefa de reconhecimento de emoções, o medo foi a expressão emocional com uma média inferior de acertos, seguido da expressão de raiva, com a média de acertos

totais a situar-se nos 31.5, equivalente a 75% do total de respostas, o que corresponde a uma percentagem relativamente superior àquela que é frequentemente reportada na literatura. Por exemplo, num estudo de Prado e colaboradores (2015), com uma amostra maioritariamente feminina, a média de acertos totais numa tarefa semelhante foi de apenas 69.8%.

A influência da escolaridade e das capacidades cognitivas gerais no desempenho das participantes foi avaliada inicialmente, uma vez que estas variáveis foram previamente reportadas noutros estudos como potencialmente determinantes para o desempenho em tarefas de reconhecimento emocional (e.g., Brook & Kosson, 2013; Igoumenou et al., 2017; Olderbak et al., 2018; Pham & Philippot, 2010) e, inclusive, poderiam anular a influência da Psicopatia. Os resultados do presente estudo indicam que a escolaridade e a pontuação obtida nas Matrizes Progressivas de Raven (instrumento de avaliação das capacidades cognitivas gerais) não são preditoras do desempenho na tarefa de julgamento moral, nem na tarefa de reconhecimento emocional. A este propósito há que ressaltar o facto de a amostra investigada apresentar uma escolaridade vertical média relativamente elevada, pelo menos comparativamente ao que a literatura tende a reportar para amostras de participantes recluídas, bem como o facto de se terem excluído do estudo participantes com uma pontuação abaixo do percentil 10 nas Matrizes Progressivas de Raven, o que pode ter contribuído para a ausência de efeito preditor destas variáveis – escolaridade e capacidade intelectual - no desempenho.

No que diz respeito ao julgamento moral, os resultados sugerem que uma maior pontuação de Psicopatia prediz um julgamento moral mais utilitário e que ambas as tipologias de Psicopatia, a Primária e a Secundária, são preditoras significativas deste efeito. Estes resultados são parcialmente divergentes dos encontrados na literatura em geral, que tende a assumir que apenas a Psicopatia Primária prediz significativamente o julgamento moral utilitário (e.g., Balash & Falkenbach, 2018; Koenings et al., 2012; Ritchie & Forth, 2016; Tassy et al., 2013). Apesar disso, uma pequena percentagem de estudos reporta igualmente a influência da Psicopatia Secundária, e não da primária, no utilitarismo associado ao julgamento moral de indivíduos com elevados traços de Psicopatia (Gao & Tang, 2013; Marshall et al., 2017).

Tomando em consideração o que o conceito de utilitarismo traduz e a ausência de preocupação empática, característica e influenciadora dos comportamentos de indivíduos com elevados traços psicopáticos, podemos encontrar aqui uma possível explicação para desconstruir a génese explicativa do contributo dos dois fatores para o utilitarismo: ao

invés de serem levados pelas emoções no processo de julgar moralmente (Fator 1), os indivíduos com traços psicopáticos de tipo predominantemente primário tendem a fazer julgamentos e adotar comportamentos mais racionais do que deontológicos, aplicando a regra do maior benefício para o maior número de pessoas, independentemente das ações a executar e das consequências danosas que estas possam trazer aos restantes intervenientes no cenário moral em questão.

Quanto ao reconhecimento emocional, os resultados indicam que a pontuação total de Psicopatia não prediz um pior reconhecimento emocional. Este pior desempenho é predito apenas por uma maior pontuação na subescala de Psicopatia Primária. Este resultado é condizente com a ideia de que os défices de reconhecimento emocional são específicos do Fator 1 da Psicopatia, já que, teoricamente, sendo as componentes interpessoais e afetivas as características principais associadas a este Fator, espera-se que o desempenho em tarefas relacionadas com a componente emocional lhe estejam mais significativamente correlacionadas (Brook & Kosson, 2013). De qualquer modo, importa realçar que um número considerável de estudos reporta efeitos significativos apenas do Fator 2 em défices de reconhecimento emocional (e.g. Brook & Kosson, 2013) ou de ambos os fatores (e.g. Igoumenou et al., 2017; Prado et al., 2015). Considerando a premissa de que, em geral, as mulheres têm mais facilidade em reconhecer emoções quando comparadas com os seus pares do sexo oposto (Thayer & Johnsen, 2000), o facto de a amostra ser exclusivamente constituída por mulheres pode contribuir para que mesmo as que têm uma alta pontuação total de Psicopatia e de Psicopatia Secundária consigam um desempenho ao nível das outras na tarefa de reconhecimento emocional, mas não as que têm uma elevada Psicopatia Primária. Este achado acaba por reforçar a tese segundo a qual os défices de reconhecimento emocional se manifestam mais visivelmente nos participantes com traços mais pronunciados de Psicopatia Primária, e isso também é verdade no caso das mulheres.

No que concerne à perspetiva de que o défice de reconhecimento emocional revelado por indivíduos com elevados níveis de Psicopatia é um défice específico (Blair et al., 2004), há efetivamente estudos que reportam défices limitados a determinadas emoções (e.g., Hastings et al., 2008; Igoumenou et al., 2017), mas as emoções em que tais défices ocorrem são variáveis. Aquilo que os nossos resultados indicam é que não só a pontuação de Psicopatia Primária é a única preditora significativa do desempenho na tarefa de reconhecimento, como tal pontuação prediz significativamente o pior desempenho no reconhecimento das expressões neutras, o que acaba por divergir dos resultados

encontrados na literatura. No entanto, há a destacar um estudo de Hansen e colaboradores (2008), que identifica, entre outras, uma correlação negativa significativa entre certos traços do Fator 1 e o reconhecimento das emoções neutras. No caso do presente estudo, e apesar do efeito significativo da Psicopatia Primária no pior reconhecimento das expressões neutras, 71.4% das respostas às faces de expressão neutra foram corretamente classificadas. Importa também destacar que a tristeza foi a emoção selecionada em metade das classificações mal atribuídas às referidas faces. É plausível concluir que as expressões neutras podem estar associadas a uma maior ambiguidade da categoria emocional e, por isso, as pessoas caracterizadas por traços mais vinculados de Psicopatia Primária tenham mais dificuldade no seu reconhecimento. Tal como realça Ali e colaboradores (2009), para melhor compreender esta atribuição errada de emoções às expressões faciais neutras, é necessário que estas mesmas expressões sejam mais frequentemente integradas pelos investigadores nas tarefas de reconhecimento emocional, em conjunto com as demais emoções.

Não obstante os resultados significativos previamente reportados, o efeito de mediação previsto do reconhecimento emocional na relação entre a Psicopatia e o julgamento moral utilitário, não se verificou. No entanto, há que ressaltar que diversos estudos enfatizam a tese de que a componente emocional é crucial no processo de julgar moralmente (e.g., Balash & Falkenbach, 2018; Patil, 2015; Ritchie & Forth, 2016). Uma possível explicação para os efeitos nulos, pode assentar no facto de a componente emocional apenas ter sido avaliada através do reconhecimento de expressões emocionais - tendo por base a tese de que a falha de identificação de pistas não-verbais de sofrimento ou mal-estar propicia a ação danosa no outro – mas há muitos outros tipos de estímulos emocionais no meio que nos rodeia. Talvez esta influência da componente emocional no julgamento moral de indivíduos com elevadas pontuações em medidas de Psicopatia esteja relacionada com outras facetas do processamento emocional não relacionadas com as expressões faciais, pelo que não foram avaliadas no presente estudo.

No que diz respeito às respostas de ativação e valência das participantes aos estímulos emocionais, apesar de não ter sido estatisticamente testada a significância do desvio em relação aos dados normativos, podemos observar que a amostra por nós investigada tem tendência a reportar, para todas as emoções, níveis de ativação mais baixos (desvio negativo) do que os observados na amostra comunitária do estudo normativo e, também, valências mais negativas, com a exceção das emoções de Raiva e Nojo, em que o desvio vai no sentido positivo. Um estudo de Eisenbarth e colaboradores (2008) que

analisou as respostas de ativação e valência a estímulos emocionais, concluiu que indivíduos com maior nível de Psicopatia tendem a atribuir um grau de ativação inferior e valências mais negativas por comparação com os restantes grupos, o que vai ao encontro dos resultados do presente estudo. O facto de as emoções de Raiva e Nojo terem sido classificadas mais positivamente em relação à média do estudo normativo pode ser parcialmente explicado com recurso aos resultados de um outro estudo que concluiu que os indivíduos com pontuações elevadas de Psicopatia Primária tendem a atribuir uma valência mais positiva a expressões emocionais negativas (Ali et al., 2009). Contudo, é de notar que após aplicadas as correções aos resultados das regressões múltiplas por nós efetuadas, nenhuma das medidas de Psicopatia revelou um efeito significativo nos valores dos referidos desvios. A ausência de resultados significativos da influência das pontuações de Psicopatia nos níveis de ativação e valência pode ser eventualmente explicada pela dimensão da amostra. A julgar pelos resultados obtidos, é plausível que um maior número de participantes permitisse encontrar efeitos significativos na direção esperada, com o desejável poder estatístico.

Com efeito, há que apontar também algumas limitações do presente estudo, começando por ressaltar que se investigou uma amostra relativamente reduzida comparativamente a outros estudos do mesmo tipo e domínio. No entanto, tomando em consideração os constrangimentos logísticos da recolha de dados neste tipo de contextos e com amostras forenses, consideramos que estes resultados não deixam de ser úteis, contribuindo para o conhecimento acumulado neste campo de investigação.

Outra limitação relevante é o facto de não se ter aplicado um instrumento que permitisse recolher uma medida de desejabilidade social e, assim, controlar esta variável. Importa enfatizar que no momento de assinatura do consentimento informado, foi reforçado o anonimato dos dados e a ausência de consequências negativas a nível pessoal e institucional, no sentido de tranquilizar as participantes e atenuar a possível necessidade de falsear as respostas. Ainda assim, sabe-se que em populações institucionalizadas como a investigada, há uma tendência para responder da forma que pareça ser mais favoravelmente perspectivada pelos outros (Bartels & Pizarro, 2011).

A par das limitações acima enunciadas, o facto de não se ter uma amostra de controlos comunitários não permitiu controlar convenientemente o efeito de reclusão, o que pode constituir igualmente um constrangimento, pois é possível que a condição de privação de liberdade possa revelar-se um fator diferenciador do desempenho em tarefas como as que foram administradas. Contudo, a existência de dados normativos permite, em

certa medida, perceber as diferenças entre o desempenho da amostra investigada e amostras de indivíduos da população geral.

Tendo em conta as limitações previamente apontadas, é de sugerir que a presente amostra seja alargada em futuras investigações, no sentido de melhorar o poder estatístico dos resultados e, tanto quanto possível, que o estudo possa ser replicado em amostras masculinas, como forma de explorar possíveis diferenças de género. A par destas recomendações, é também importante introduzir uma medida de desejabilidade social e testar o efeito de reclusão, através da criação de um grupo de controlo na comunidade. Por fim, seria um contributo pertinente à consolidação das hipóteses levantadas pela literatura científica que a componente emocional e a de julgamento moral fossem investigadas nas suas diferentes variantes e com diferentes tarefas, como forma de aprofundar as suas possíveis relações.

Em suma, não obstante as limitações acima descritas, o presente estudo contribui para colmatar a escassez de estudos no âmbito da Psicopatia com amostras femininas, e investiga duas variáveis associadas a esta estrutura de personalidade e que desde há muito tempo se preveem interligadas: a identificação de emoções em expressões faciais e o julgamento moral. Os resultados obtidos só parcialmente confirmam as predições iniciais e não são integralmente consistentes com a literatura, mas esta última também está longe de se poder considerar consistente, o que acaba por realçar a necessidade de prosseguir com os estudos nesta área de investigação.

Como conclusões principais, os resultados sugerem que um nível mais elevado de Psicopatia prediz um julgamento moral mais utilitário, sendo que quer as características da Psicopatia Primária, quer da Secundária, predizem significativamente este tipo de julgamento. No entanto, só a Psicopatia Primária parece predizer significativamente um pior reconhecimento emocional. Ainda assim, o esperado efeito de mediação deste défice de reconhecimento emocional na relação entre a Psicopatia e o julgamento moral utilitário não se verificou.

Referências Bibliográficas

- Ali, F., Amorim, I. S., & Chamorro-Premuzic, T. (2009). Empathy deficits and trait emotional intelligence in psychopathy and Machiavellianism. *Personality and Individual Differences*, 47(7), 758–762. doi: 10.1016/j.paid.2009.06.016
- Almeida, P. R., Seixas, M. J., Ferreira-Santos, F., Vieira, J. B., Paiva, T. O., Moreira, P. S., & Costa, P. (2015). Empathic, moral and antisocial outcomes associated with distinct components of psychopathy in healthy individuals: A Triarchic model approach. *Personality and Individual Differences*, 85, 205–211. doi: 10.1016/j.paid.2015.05.012
- Aharoni, E., Antonenko, O., & Kiehl, K. A. (2011). Disparities in the moral intuitions of criminal offenders: The role of psychopathy. *Journal of Research in Personality*, 45(3), 322–327. doi: 10.1016/J.JRP.2011.02.005
- Aharoni, E., Sinnott-Armstrong, W., & Kiehl, K. A. (2012). Can psychopathic offenders discern moral wrongs? *Journal of Abnormal Psychology* (Vol. 121). doi: 10.1037/a0024796.Can
- Aharoni, E., Sinnott-Armstrong, W., & Kiehl, K. A. (2014). What's wrong? Moral understanding in psychopathic offenders. *Journal of Research in Personality*, 53, 175–181. doi: 10.1016/j.jrp.2014.10.002
- Balash, J., & Falkenbach, D. M. (2018). The ends justify the meanness: An investigation of psychopathic traits and utilitarian moral endorsement. *Personality and Individual Differences*, 127(February), 127–132. doi: 10.1016/j.paid.2018.02.009
- Barbosa, F., Gonçalves, S., Almeida, P. R., Ferreira-Santos, F., & Marques-Teixeira, J. (2014). The Levenson Self-Report Psychopathy Scale (LSRPS): translation and adaptation to European Portuguese, 1–7.
- Bartels, D. M., & Pizarro, D. A. (2011). The mismeasure of morals: Antisocial personality traits predict utilitarian responses to moral dilemmas. *Cognition*, 121(1), 154–161. doi: 10.1016/j.cognition.2011.05.010
- Blair, R. J. R. (1995). A cognitive developmental approach to morality: investigating the psychopath. *Cognition*, 57(1), 1–29. doi: 10.1016/0010-0277(95)00676-P
- Blair, R. J. R., Mitchell, D. G. V., Peschardt, K. S., Colledge, E., Leonard, R. A., Shine,

- J. H., ... Perrett, D. I. (2004). Reduced sensitivity to others' fearful expressions in psychopathic individuals. *Personality and Individual Differences*, 37(6), 1111–1122. doi: 10.1016/j.paid.2003.10.008
- Bradley, M. M., & Lang, P. J. (1994). Measuring emotion: the self-assessment manikin and the semantic differential. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, 25(1), 49–59.
- Brook, M., & Kosson, D. S. (2013). Impaired cognitive empathy in criminal psychopathy: Evidence from a laboratory measure of empathic accuracy. *Journal of Abnormal Psychology*, 122(1), 156–166. doi: 10.1037/a0030261
- Cale, E. M., & Lilienfeld, S. O. (2002). Sex differences in psychopathy and antisocial personality disorder: A review and integration. *Clinical Psychology Review*, 22(8), 1179–1207. doi: 10.1016/S0272-7358(01)00125-8
- Choe, S. & Min, K. (2011). Who makes utilitarian judgments? The influences of emotions on utilitarian judgments. *Judgment and Decision Making*, 6(7), 580–592.
- Cima, M., Tonnaer, F., & Hauser, M. D. (2010). Psychopaths know right from wrong but don't care. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, 5(1), 59–67. doi: 10.1093/scan/nsp051
- Cleckley, H. (1988). *The mask of sanity* (5th ed.). St Louis: Mosby.
- Contreras-rod  guez, O., Pujol, J., Batalla, I., Harrison, B. J., Bosque, J., Ibern-reg  s, I., ... Cardoner, N. (2014). Disrupted neural processing of emotional faces in psychopathy. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, 9(4), 505–512. doi: 10.1093/scan/nst014
- Deeley, Q., Daly, E., Surguladze, S., Tunstall, N., Mezey, G., Beer, D., ... Murphy, D. G. (2006). Facial emotion processing in criminal psychopathy: Preliminary functional magnetic resonance imaging study. *British Journal of Psychiatry*, 189(DEC.), 533–539. doi: 10.1192/bjp.bp.106.021410
- Del Gaizo, A. L., & Falkenbach, D. M. (2008). Primary and secondary psychopathic-traits and their relationship to perception and experience of emotion. *Personality and Individual Differences*, 45(3), 206–212. doi: 10.1016/j.paid.2008.03.019
- Doninger, N. A., & Kosson, D. S. (2001). Interpersonal construct systems among psychopaths. *Personality and Individual Differences*, 30, 1263–1281.
- Edens, J. F., Marcus, D. K., Lilienfeld, S. O., & Poythress, N. G. (2006). Psychopathic,

- not psychopath: Taxometric evidence for the dimensional structure of psychopathy. *Journal of Abnormal Psychology*, 115(1), 131–144. doi:10.1037/0021-843x.115.1.131
- Eisenbarth, H., Alpers, G. W., Segrè, D., Calogero, A., & Angrilli, A. (2008). Categorization and evaluation of emotional faces in psychopathic women. *Psychiatry Research*, 159(1–2), 189–195. doi: 10.1016/j.psychres.2007.09.001
- Ermer, E., Kahn, R. E., Salovey, P., & Kiehl, K. A. (2012). Emotional Intelligence in Incarcerated Men With Psychopathic Traits, 103(I), 194–204.
- Feldman, M. P. (1977). *Criminal Behavior: A Psychological Analysis*. London: Wiley & Sons
- Fernandes, C., Gonçalves, A. R., Pasion, R., Ferreira-Santos, F., Paiva, T. O., E Castro, J. M., ... Marques-Teixeira, J. (2018). European portuguese adaptation and validation of dilemmas used to assess moral decision-making. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy*, 40(1), 38–46. doi: 10.1590/2237-6089-2017-0022
- Garcia, I. (2016). Estudo Preliminar das Propriedades Psicométricas e dos Dados Normativos da Forma Geral das Matrizes Progressivas de Raven numa amostra da comunidade. doi: 10.13140/RG.2.2.13062.98881
- Gao, Y., & Tang, S. (2013). Psychopathic personality and utilitarian moral judgment in college students. *Journal of Criminal Justice*, 41(5), 342–349. doi: 10.1016/j.jcrimjus.2013.06.012
- Glenn, A. L., Iyer, R., Graham, J., Koleva, S., & Haidt, J. (2009). Are All Types of Morality Compromised in Psychopathy? *Journal of Personality Disorders*, 23(4), 384–398. doi: 10.1521/pedi.2009.23.4.384
- Glenn, A. L., Koleva, S., Iyer, R., J.Graham, & Ditto, P. H. (2010). Moral identity in psychopathy. *Judgment and Decision Making*, 5(7), 497–505. doi: 10.1016/j.cognition.2008.05.007
- Greene, J.D., Morelli, S.A., Lowenberg, K., Nystrom, L.E., & Cohen, J.D. (2008). Cognitive load selectively interferes with utilitarian moral judgment. *Cognition*, 107, 1144–54.
- Greene, J. D., Sommerville, R. B., & Nystrom, L. E. (2001). An fMRI Investigation of Emotional Engagement in Moral Judgment, 293(September), 2105–2109.
- Guay, J. P., Ruscio, J., Knight, R. A., & Hare, R. D. (2007). A taxometric analysis of the latent structure of psychopathy: Evidence for dimensionality. *Journal of Abnormal Psychology*, 116(4), 701–716. doi: 10.1037/0021-843X.116.4.701

- Habel, U., Kühn, E., Salloum, J. B., Devos, H., & Schneider, F. (2002). Emotional Processing in Psychopathic Personality. *Aggressive Behavior*, 28(5), 394–400. doi: 10.1002/ab.80015
- Hamburger, M. E., Lilienfeld, S. O., & Hogben, M. (1996). Psychopathy, gender, and gender roles: Implications for antisocial and histrionic personality disorders. *Journal of Personality Disorders*, 10(1), 41–55. doi: 10.1521/pedi.1996.10.1.41
- Hansen, A. L., Johnsen, B. H., Hart, S., Waage, L., & Thayer, J. F. (2008). BRIEF COMMUNICATION: PSYCHOPATHY AND RECOGNITION OF FACIAL EXPRESSIONS OF EMOTION, 22(639), 639–644.
- Hare, R. (1970). *Psychopathy theory and research*. New York: Wiley & Sons
- Hare, R. D. (1991). *The Hare Psychopathy Checklist - Revised*. Toronto, ON, Canada: Multi-Heath Systems.
- Hare, R., & Neumann, C. (2008). Psychopathy as a clinical and empirical construct. *Annual Review of Clinical Psychology*, 4, 217–246. doi: 10.1146/annurev.clinpsy.3.022806.091452.
- Harenski, C. L., Edwards, B. G., Harenski, K. A., & Kiehl, K. A. (2014). Neural correlates of moral and non-moral emotion in female psychopathy, 8(September), 1–10. doi: 10.3389/fnhum.2014.00741
- Harrison, B. J., Pera, V., Pujol, J., Batalla, I., Contreras-rodri, O., Herna, R., ... Lo, M. (2012). Breakdown in the brain network subserving moral judgment in criminal psychopathy. doi: 10.1093/scan/nsr075
- Hastings, M. E., Tangney, J. P., & Stuewig, J. (2008). Psychopathy and identification of facial expressions of emotion. *Personality and Individual Differences*, 44(7), 1474–1483. doi: 10.1016/j.paid.2008.01.004
- Hyde, L. W., Byrd, A. L., Votruba-Drzal, E., Hariri, A. R., & Manuck, S. B. (2014). Amygdala reactivity and negative emotionality: Divergent correlates of antisocial personality and psychopathy traits in a community sample. *Journal of Abnormal Psychology*, 123(1), 214–224. doi: 10.1037/a0035467
- Igoumenou, A., Harmer, C. J., Yang, M., Coid, J. W., & Rogers, R. D. (2017). Faces and facets: The variability of emotion recognition in psychopathy reflects its affective and antisocial features. *Journal of Abnormal Psychology*, 126(8), 1066–1076. doi: 10.1037/abn0000293
- Iria, C., Barbosa, F., & Paixão, R. (2015). Reward Expectation Modulates the

- Identification of Facial Expressions of Emotion in Antisocial Offenders. *Psychiatry, Psychology and Law*, 22(3), 417–424. doi: 10.1080/13218719.2014.960028
- Kahane, G., Everett, J. A. C., Earp, B. D., Farias, M., & Savulescu, J. (2015). “Utilitarian ” judgments in sacrificial moral dilemmas do not reflect impartial concern for the greater good. *Cognition*, 134, 193–209. doi: 10.1016/j.cognition.2014.10.005
- Koenigs, M., Kruepke, M., Zeier, J., & Newman, J. P. (2012). Utilitarian moral judgment in psychopathy, 2, 708–714. doi: 10.1093/scan/nsr048
- Kosson, D. S., Suchy, Y., & Mayer, A. R. (2003). Facial Affect Recognition in Criminal Psychopaths, (January). doi: 10.1037/1528-3542.2.4.398
- Langner, O., Dotsch, R., Bijlstra, G., & Wigboldus, D. (2010). Support material for the article: Presentation and Validation of the Radboud Faces Database (RaFD) Mean Validation Data : Caucasian Adult Subset. *Cognition & Emotion*, 24(8), 1377—1388. Retrieved from 10.1080/02699930903485076
- Langner, O., Dotsch, R., Bijlstra, G., Wigboldus, D. H. J., Hawk, S. T., & van Knippenberg, A. (2010). Presentation and validation of the radboud faces database. *Cognition and Emotion*, 24(8), 1377–1388. doi: 10.1080/02699930903485076
- Levenson, M. R., Kiehl, K. A., & Fitzpatrick, C. M. (1995). Assessing Psychopathic Attributes in a Noninstitutionalized Population. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68(1), 151–158. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.68.1.151>
- Lykken, D. T. (1995). *The antisocial personalities*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum
- Marshall, J., Watts, A., Frankel, E., & Lilienfeld, S. (2017). An examination of psychopathy’s relationship with two indices of moral judgment. *Personality and Individual Differences*, 113, 240–245. doi: 10.1016/j.paid.2017.03.034
- Moreira, D., Almeida, F., Pinto, M., & Fávero, M. (2014). Psychopathy: A comprehensive review of its assessment and intervention. *Aggression and Violent Behavior*, 19(3), 191–195. doi: 10.1016/j.avb.2014.04.008
- Mullins-Nelson, J. L., Salekin, R. T., & Leistico, A. M. R. (2006). Psychopathy, empathy, and perspective -taking ability in a community sample: Implications for the successful psychopathy concept. *International Journal of Forensic Mental Health*, 5(2), 133–149. doi: 10.1080/14999013.2006.10471238
- Neumann, C. S., Schmitt, D. S., Carter, R., Embley, I., & Hare, R. D. (2012). Psychopathic traits in females and males across the globe. *Behavioural Sciences and the Law*, 30(5), 557–574. doi: 10.1002/bsl.2038

- Nicholls, T. L., & Petrila, J. (2005). Gender and psychopathy: An overview of important issues and introduction to the special issue. *Behavioral Sciences and the Law*, 23(6), 729–741. <https://doi.org/10.1002/bsl.677>
- Olderbak, S. G., Mokros, A., Nitschke, J., Habermeyer, E., & Wilhelm, O. (2018). Psychopathic men: Deficits in general mental ability, not emotion perception. *Journal of Abnormal Psychology*, 127(3), 294–304. doi: 10.1037/abn0000340
- Patil, I. (2015). Trait psychopathy and utilitarian moral judgement: The mediating role of action aversion. *Journal of Cognitive Psychology*, 27(3), 349–366. doi: 10.1080/20445911.2015.1004334
- Patrick, C. J. (2006). *Handbook of Psychopathy*. New York: The Guildford Press
- Pera-Guardiola, V., Contreras-Rodríguez, O., Batalla, I., Kosson, D., Menchón, J. M., Pifarré, J., ... Soriano-Mas, C. (2016). Brain structural correlates of emotion recognition in psychopaths. *PLoS ONE*, 11(5), 1–17. doi: 10.1371/journal.pone.0149807
- Pham, T. H., & Philippot, P. (2010). Decoding of Facial Expression of Emotion in Criminal Psychopaths. *Journal of Personality Disorders*, 24(4), 445–459. doi: 10.1521/pedi.2010.24.4.445
- Prado, C. E., Treeby, M. S., & Crowe, S. F. (2015). Examining relationships between facial emotion recognition, self-control, and psychopathic traits in a non-clinical sample. *Personality and Individual Differences*, 80, 22–27. doi: 10.1016/j.paid.2015.02.013
- Raven, J., Raven, J. C., & Court, J. H. (1998). *Manual for Raven's Progressive Matrices and Vocabulary Scales. Section 3, The Standard Progressive Matrices*. Oxford, England: Oxford Psychologists Press/San Antonio, TX: The Psychological Corporation.
- Ritchie, M. B., & Forth, A. E. (2016). Without concern: Predicting personal-moral transgressions from psychopathy and gender. *Personality and Individual Differences*, 94, 247–252. doi: 10.1016/j.paid.2016.01.041
- Sanders, C. E., Lubinski, D., & Benbow, C. P. (1995). Does the Defining Issues Test measure psychological phenomena distinct from verbal ability? An examination of Lykken's query. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69(3), 498–504. doi: 10.1037/0022-3514.69.3.498
- Seara-cardoso, A., Neumann, C., Roiser, J., Mccrory, E., & Viding, E. (2012).

- Investigating associations between empathy, morality and psychopathic personality traits in the general population. *Personality and Individual Differences*, 52(1), 67–71. doi: 10.1016/j.paid.2011.08.029
- Seara-Cardoso, A., Dolberg, H., Neumann, C., Roiser, J. P., & Viding, E. (2013). Empathy, morality and psychopathic traits in women. *Personality and Individual Differences*, 55(3), 328–333. doi: 10.1016/j.paid.2013.03.011
- Tassy, S., Deruelle, C., Mancini, J., Leistedt, S., & Wicker, B. (2013). High levels of psychopathic traits alters moral choice but not moral judgment, 7(June), 1–6. doi: 10.3389/fnhum.2013.00229
- Thayer, J. F. & Johnsen, B. H. (2000). Sex differences in judgment of facial affect: A multivariate analysis of recognition errors. *Scandinavian Journal of Psychology*, 41(3), 243–246.
- Visser, B. A., Bay, D., Cook, G. L., & Myburgh, J. (2010). Psychopathic and antisocial, but not emotionally intelligent. *Personality and Individual Differences*, 48(5), 644–648. doi: 10.1016/j.paid.2010.01.003
- Warren, J. I., Burnette, M. L., South, S. C., Chauhan, P., Bale, R., Friend, R., & Van Patten, I. (2003). Psychopathy in women: Structural modeling and comorbidity. *International Journal of Law and Psychiatry*, 26(3), 223–242. doi: 10.1016/S0160-2527(03)00034-7
- Widom, C. S. (1978). An empirical classification of female offenders. *Criminal Justice and Behavior*, 5, 35–52.

Anexos

Anexo 1. Autorização para a realização do estudo



REPÚBLICA
PORTUGUESA

JUSTIÇA

Exmo(a) Senhor(a)

Dra. Maria Teresa Gonçalves Pinto

goncalvesteresa11@gmail.com

V/ referência

N/ referência

Ofício N.º
278/DSOPRE

Data
14.11.2018

Assunto: Investigação académica para Mestrado em Psicologia na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

Tenho a honra de informar V. Exa que, por despacho do Sr. Diretor-Geral, Dr. Celso Manata, datado de 14/11/2018, foi autorizada, no âmbito do Mestrado em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, a realizar a investigação académica no Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo Feminino

Considerando o interesse do projeto, este estudo, foi autorizado, mediante as seguintes condições:

- a calendarização e modo de organização da pesquisa seja acordada com a Direção do Estabelecimento Prisional, por forma a que se conciliem os objetivos académicos com a exequibilidade do trabalho, sem perturbação do quotidiano;
- o desenvolvimento do estudo esteja sempre dependente da disponibilidade das reclusas para, após consentimento informado, colaborarem, reservando-se-lhes o direito de, a qualquer momento, poderem interromper a sua cooperação;
- a investigadora fique obrigada a preservar o anonimato dos dados e das pessoas que venham a cooperar;
- do resultado final do trabalho, deve ser remetida cópia à Direção de Serviços de Organização, Planeamento e Relações Externas.

Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais
Direção de Serviços de Organização, Planeamento e Relações Externas
Travessa da Cruz do Torel, n.º 1 – 1150-122 Lisboa – Tel. 218812200 – Fax. 218853896 – E-mail: dsopre@dgrsp.mj.pt
Apartado 21207 – 1131-001 Lisboa



REPÚBLICA
PORTUGUESA

JUSTIÇA

Considerando o número de investigações académicas, atualmente a decorrer em estabelecimentos prisionais, alerta-se para a possibilidade de a direção dos estabelecimentos prisionais poder vir a calendarizar a investigação para um momento mais oportuno.

Com os melhores cumprimentos

O Diretor de Serviços

José João Semedo Moreira
J Semedo Moreira

ML/2019

Anexo 2. Consentimento Informado



CONSENTIMENTO INFORMADO

A presente investigação é conduzida no âmbito do projeto de mestrado de Maria Teresa Pinto, sob orientação de Fernando Barbosa. O principal objetivo é avaliar o desempenho de mulheres reclusas em tarefas de processamento emocional e moral e perceber como estas se relacionam com alguns traços de personalidade. A sua participação envolve o preenchimento de um questionário que avalia algumas características da personalidade e a resolução de três tarefas, cuja duração depende da rapidez de resposta de cada uma, mas estima-se que possa demorar cerca de 50 minutos.

A sua participação é estritamente voluntária. Além disso, poderá desistir a qualquer momento, sem que essa decisão tenha qualquer consequência negativa a nível pessoal ou institucional. No caso de desistência, todos os dados fornecidos até ao momento serão destruídos.

Imediatamente após a recolha, as suas respostas serão codificadas para garantir a confidencialidade e o anonimato. Visto que será impossível identificar os seus dados, não poderemos fornecer-lhe os seus resultados individuais, mas poderá receber os resultados globais do estudo, se assim o pretender, contactando o 226061898. Os resultados serão utilizados exclusivamente para fins de investigação, sendo que, ao aceitar participar neste estudo, está a concordar que sejam utilizados para esta finalidade, podendo ser publicados e apresentados em eventos científicos.

A sua colaboração é da máxima importância, pelo que desde já agradecemos a disponibilidade.

A investigadora,

O orientador científico

Eu, _____, declaro que tomei conhecimento dos objetivos do estudo e das atividades a realizar, assim como fui informada de todos os aspetos que considero importantes e tive a oportunidade de esclarecer dúvidas. Participo de forma voluntária, tendo sido informada de que o anonimato é garantido e que a minha participação, recusa ou desistência não acarreta quaisquer benefícios nem prejuízos.

Data: ____/____/2019 Assinatura da participante: _____